

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

SIMONE MUNIR DAHLEH

O MAL EM APOCALÍPTICOS E O BEM EM INTEGRADOS

**São Borja
2016**

SIMONE MUNIR DAHLEH

O MAL EM APOCALÍPTICOS E O BEM EM INTEGRADOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Comunicação Social.

Orientador: Gabriel Sausen Feil

**São Borja
2016**

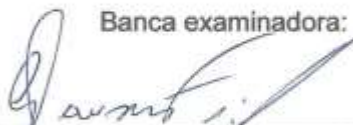
SIMONE MUNIR DAHLEH

O MAL EM APOCALÍPTICOS E O BEM EM INTEGRADOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Comunicação Social.

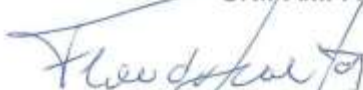
Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 05/12/2016.

Banca examinadora:



Prof. Doutor Gabriel Sausen Feil

Orientador
UNIPAMPA



Prof. Mestre Fernando Silva Santor

UNIPAMPA



Prof. Doutor Marcelo da Silva Rocha

UNIPAMPA

Ao incontrolável tempo e à minha mãe.

AGRADECIMENTO

Um agradecimento ao modo do professor Gabriel, em lista: “se queres te lembrar das coisas tens que fazer uma lista”, pois então agradeço:

- às energias e vibrações positivas que me ajudaram a escrever este trabalho;
- à minha mãe que sempre ajudou-me, apoiou-me e me instigou a sempre buscar além;
- ao meu irmão que nas horas difíceis me manda bobagens para me fazer esquecer do caos do mundo;
- às minhas irmãs que me incentivam;
- à Bruna, ao Felipe, ao Mateus: meus parceiros que contribuem muito em minha trajetória pessoal e acadêmica;
- ao professor Gabriel, meu orientador, não só desse trabalho em específico, mas de muitos estudos que já tivemos, que faz jus a palavra orientador, e me inspira desde a primeira aula de Cinema e Literatura;
- ao professor Fernando, que sabe muito e mostra pouco os dentes;
- ao professor Marcelo, nosso poeta encantador;
- ao Bataille, ao Deleuze, ao Eco, ao Guatarri e ao Kafka por suas brilhantes mentes inquietas.

“Nada é estático. Até a *Mona Lisa* está caindo aos pedaços”.

Chuck Palahniuk

RESUMO

O tempo ao qual não temos escapatória é o tema principal do presente trabalho que traz os conceitos de Mal e Bem, de Georges Bataille, e as concepções de cultura pelo entendimento dos apocalípticos e integrados, de Umberto Eco, com o intuito de aproximar tais conceitos por conta de suas possibilidades de relações com o tempo, saindo, dessa forma, do lugar comum que esses conceitos costumam ser tratados em seus estudos. Primeiramente, apresentamos os quatro conceitos e, em um segundo momento, aproximamos os conceitos com características de similaridades entre eles. Mostramos como esses conceitos são paralelos e não contrários, de forma a criar uma discussão reflexiva e não moral sobre eles.

Palavras-Chave: Tempo. Mal. Bem. Apocalípticos. Integrados.

ABSTRACT

The time to which we have no escape is the main theme of the present work that brings the concepts of Evil and Good, by Georges Bataille, and the conceptions of culture by the understanding of the apocalyptic and integrated, by Umberto Eco, with the aim of bringing such concepts closer because of their possibilities of relations with time, leaving, thus, the common place that these concepts are usually dealt with in their studies. First, we present the four concepts and, in a second moment, we approach the concepts with characteristics of similarities between them. We show how these concepts are parallel and not contrary, in order to create a reflexive and non-moral discussion about them.

Keywords: Time. Evil. Good. Apocalyptic. Integrated.

Sumário

1 Introdução e problematização	9
1.1 Justificativa	11
2 Metodologia.....	15
3 Apresentação dos conceitos	17
3.1 O Mal e o Bem, em Georges Bataille	17
3.2 Apocalípticos e integrados de Umberto Eco.....	24
4 Aproximação\discussão.....	29
4.1 Instante (Mal e apocalípticos).....	29
4.2 Planejamento futuro (Bem e integrados)	30
4.3 Singular (Mal e apocalípticos)	32
4.4 Ordinário (Bem e integrados)	35
4.5 Integração (Bem e integrados)	37
4.6 Acesso (Bem e integrados)	38
4.7 Recompensa (Bem e integrados)	39
4.8 Sedentário e Nômade (Bem e Mal)	40
4.9 Cronos \neq Aion (Bem \neq Mal)	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS.....	47

1 Introdução e problematização

No presente trabalho apresentamos os conceitos de Mal e Bem concebidos por Georges Bataille (1989) no livro *A Literatura e o Mal*, e os conceitos de apocalípticos e integrados de Umberto Eco (2006), descritos no livro *Apocalípticos e integrados*. Posteriormente, realizamos a aproximação dos conceitos mencionados. Tal aproximação é possível na medida em que detectamos que os conceitos selecionados possuem características similares, principalmente no que diz respeito à perspectiva temporal.

A vontade de realizarmos tal trabalho parte do interesse pela Filosofia e seu modo de pensar os aspectos da vida. A partir da curiosidade pela questão do tempo e pelo modo como os indivíduos lidam com esse fato que são obrigados a levar consigo durante toda a existência, surge a ideia de trabalharmos com os conceitos de Mal e Bem de Bataille (1989). Para esse autor, o Mal se relaciona com as ações que primam pelo aproveitamento do instante presente, e o Bem se relaciona com as ações que importam-se, principalmente, com o planejamento do futuro.

A partir disso, buscamos aproximar os conceitos de Mal e Bem de Bataille (1989) com os conceitos de apocalípticos e integrados de Eco (2006). Para esse segundo autor, a cultura de massa pode ser vista por dois vieses, o viés dos apocalípticos e o dos integrados. Diante disso, entendemos que o Mal (instante) se relaciona com os apocalípticos por conta de estes conceberem a cultura numa perspectiva instantânea e não funcional; e entendemos que o Bem (planejamento futuro) se relaciona com os integrados em função de estes se encantarem com a cultura de massa, justamente, por sua possibilidade funcional em que a humanidade colhe frutos pelo planejamento.

Para fins introdutórios, é importante que façamos quatro ressalvas para que o leitor compreenda de forma clara o que queremos abordar:

A primeira ressalva é de que o trabalho não pretende mostrar como tais conceitos podem ser opostos ou construir julgamentos morais sobre eles. Sendo assim, tratamos os conceitos do trabalho como paralelos, discutindo-os como diferentes e não contrários. Não se trata da defesa de um lado ou de outro; trata-se, isto sim, de trazer essa possibilidade de discussão, mostrando como esses conceitos podem conversar entre si.

A segunda ressalva que se faz importante é a de que não avaliamos o Mal como pejorativo e o Bem como positivo, ou os apocalípticos como os vilões e os integrados como os bons, por exemplo. Ainda que Bataille em sua vida tenha estudado o cristianismo, o Mal e o Bem, neste trabalho, não têm o sentido que o cristianismo entende, em que o Mal são as trevas, o errôneo, e o Bem as bondades praticadas. O Mal em Bataille (1989) nada tem a ver com o mal no sentido em que costumamos usar, aquele das ações que consideramos maldosas ou criminosas. Assim como o Bem não diz respeito ao bem ou ao bom em seus sentidos cotidianos, ligados ao agir de forma correta dentro das instituições da sociedade (iniciamos os conceitos em letras maiúsculas justamente para diferenciarmos os conceitos das palavras usadas no senso comum).

A terceira ressalva pertinente é de que o trabalho não possui um viés positivista, ou seja, sua importância está em mostrarmos como tais conceitos podem ser aproximados e relacionados em um âmbito reflexivo. Dessa forma, não há um problema-hipótese, pois o que pretendemos com o trabalho não é necessariamente responder questões que possam ter uma aplicação prática. Entretanto, a discussão conceitual que propomos pode ser considerada um problema; ou melhor, pode ser colocada na forma de questão-problema: *quais possíveis aproximações podem ser feitas entre Mal e apocalípticos e Bem e integrados?* Assim, podemos dizer que o trabalho defende a tese de que *apocalípticos e integrados podem ser diferenciados pela perspectiva temporal que pressupõem em relação à concepção de cultura – os primeiros assumindo a postura relativa ao tempo do Mal e os segundos a postura relativa ao tempo do Bem.*

Cabe ainda a última ressalva de que, apesar da sociedade contemporânea estar com o pensamento programado a pensar na funcionalidade, utilidade e eficácia das coisas (CHAUI, 2006, p. 70), acreditamos na importância de trabalhos como este, tanto para o âmbito acadêmico, que tem o potencial de nos fazer pensar, sendo a reflexão a primazia desse universo, quanto para a renovação e modos diferentes de enxergar os conceitos de Mal, Bem, apocalípticos e integrados. Para tal, realizamos, num primeiro momento, a revisão dos quatro conceitos citados acima, para deixarmos claro de que relação estamos trabalhando ao usá-los no decorrer do texto e, num segundo momento, discutimos e articulamos os conceitos.

Sendo assim, utilizamos, principalmente, pesquisas bibliográficas primárias, ou seja, buscamos fontes que apresentam diretamente os conceitos; e pesquisas

bibliográficas secundárias, fontes que apresentam os conceitos a partir de comentadores (STUMPF, 2010).

1.1 Justificativa

Aqui apresentamos alguns motivos que expressam a pertinência deste trabalho, tanto para a comunidade científica como um todo quanto para a área da Comunicação especificamente.

Para Bonin (2011), a justificativa deve se afastar da ideia que temos da mera retórica de convencimento. Devemos constituir uma pesquisa que dê sentido ao nosso compromisso como pesquisadores na área em que estamos inseridos. Para isso, devemos considerar os avanços sobre as pesquisas, assim como o acúmulo de materiais sobre o que foi pesquisado que possam ter relação com o nosso tema, para que dessa forma possamos construir um trabalho que seja válido e relevante para a nossa área. Devemos mostrar nesta seção o motivo de empreendermos nossos esforços para a construção deste trabalho. Além disso, a autora comenta que é importante também relatar a relevância que a pesquisa tem para a vida pessoal do pesquisador.

Dentre os dois autores principais que são utilizados na pesquisa, um é Umberto Eco; autor amplamente estudado na área da Comunicação, principalmente, por seus estudos sobre a cultura de massa em *Apocalípticos e integrados* (2006). Nesse livro, o autor faz uma crítica a ambas posturas em relação aos meios de comunicação. Além disso, podemos dizer que é um livro primordial para quem estuda Publicidade e Propaganda, pois aborda os meios de comunicação de um modo que nos ajuda a compreender a influência que esses exercem sobre a sociedade e a cultura contemporâneas.

Além de Eco ser um autor fundamental para a mencionada área, há trabalhos publicados em Revistas de Comunicação que evidenciam a importância de tal livro/autor. A Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, por exemplo, traz o trabalho *A contribuição dos estudos culturais para a abordagem da publicidade: processos de comunicação persuasiva e as noções “articulação” e “fluxo”*, de Elisa Reinhardt (2006), em que mostra a contribuição dos estudos culturais para a abordagem da publicidade. Nele, a autora traz Eco com os conceitos de apocalípticos e integrados para contribuir na explicação sobre os

processos de comunicação persuasiva e as noções “articulação” e “fluxo”. Outro exemplo da utilização do autor e dos seus conceitos está na pesquisa *A Escola de Frankfurt e seu legado*, da autora Janine Regina Mogendorf (2012), publicada na revista de Comunicação Verso e Reverso, em que traz o autor para abordar como os apocalípticos e integrados se aproximam da Escola de Frankfurt, escola indispensável para quem estuda as Teorias da Comunicação, principalmente, por seu caráter crítico sobre os meios de comunicação.

Em um trabalho denominado *Barbárie estética e produção jornalística: a atualidade do conceito de indústria cultural*, disponível no SciELO, Belarmino Cesar Guimarães da Costa (2001) busca resgatar Eco para analisar a atualidade da indústria cultural. Outro exemplo está no trabalho denominado *Quadrinhos, memória e realidade textual*, de Moacy Cirne (2012), publicado no INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), em que traz o autor e seus conceitos de apocalípticos e integrados para analisar objetos da sociedade de massa, como as histórias em quadrinhos.

Além disso, o autor é citado em outras áreas, na Música por exemplo, como mostra um trabalho, publicado no III SEGeT (Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia), denominado *Um breve olhar sobre a música nas comunidades virtuais*, de Daniel Gohn (2008), em que aborda os estudos de Eco para falar do novo papel que a música vem assumindo nessa nova era das comunidades virtuais.

Assim como Umberto Eco é importante para a área da Comunicação e para a comunidade científica no geral, podemos dizer que Georges Bataille também é um autor que interessa à comunidade científica, principalmente, por suas abordagens que trazem temas como erotismo, violência, literatura, vida e morte. Podemos encontrar trabalhos que utilizam o autor em importantes plataformas de pesquisas científicas, a exemplo do SciELO, em que é publicado o trabalho *Relações de violência e erotismo*, de Maria Filomena Gregori (2003), relativo à violência, que traz Bataille para abordar o seu conceito de erotismo no livro *O Erotismo*. Outro exemplo existente diz respeito ao trabalho *A soberania do mal: Georges Bataille e a inocência culpada da literatura*, do autor Philippe Joron (2013), disponível no SciELO, em que traz o livro *A Literatura e o Mal*, na área da Sociologia, a fim de abordar/embasar o seu tema.

Bataille ainda aparece no trabalho *Heterologia e alteridade social ou a comunicação pela margem*, também de Philippe Joron (2006), na Contemporânea:

Revista de comunicação e cultura, em que traz a noção de heterologia esboçada pelo autor. Esse trabalho em questão, apesar de focar em outros conceitos, traz um assunto interessante para o nosso tema, pois, em certa parte do trabalho, podemos identificar que o autor se refere ao Mal de Bataille (1989), pois aborda a importância de darmos significado aos acontecimentos sem utilidades. O autor do trabalho ainda fala que Bataille era considerado um intelectual maldito, obscuro e extremista, e isso poderia explicar a dificuldade de utilizá-lo no campo institucional das Ciências Humanas. Sendo assim, acreditamos que nosso trabalho pode contribuir nessa quebra de paradigma sobre o autor.

Há trabalhos que utilizam Bataille para abordar o “instante presente” do autor, porém, em outras perspectivas. Não há ainda trabalho que aborde o autor na perspectiva do tempo, utilizando-o para se referir ao Mal como instante, ao Bem como planejamento futuro e, sobretudo, que os aproxime aos conceitos de apocalípticos e integrados.

Sendo assim, a relevância deste trabalho está em trazer uma reflexão ainda atual sobre o funcionamento dos meios de comunicação, abordando-a a partir de uma nova perspectiva. Pois, apesar de Umberto Eco ser amplamente utilizado na área da Comunicação, Bataille ainda é pouco explorado nessa área.

Com o presente trabalho esperamos, além de aproximar o mencionado escritor à Comunicação e trazer um novo modo de observar os meios de comunicação, contribuir para trabalhos já realizados e ampliar oportunidades para futuras pesquisas, seja pela utilização dos autores citados ou pela diferente perspectiva de abordar os conceitos.

Por fim, é relevante relatarmos a importância que tal trabalho possui em nossa vida pessoal. Desde o início de ingresso na faculdade, a área da filosofia, especificamente, interessa-nos por sua complexidade no modo de pensar e por não ficar restrita a uma discussão/argumento, caracterizando-se por questionar e ir além do proposto. Essa busca incessante pelo questionamento é, acreditamos, a base de nosso processo dentro da universidade.

Os principais componentes curriculares que servem de base e inspiração para a construção do presente trabalho são Teorias da Comunicação, do segundo semestre, e Comunicação, Cultura e Ideologia do sexto semestre. O primeiro é, sem dúvida, o *start* para nos fazer pensar sobre a possibilidade de pesquisar mais sobre os assuntos abordados no trabalho. Interessa-nos, principalmente, pela reflexão

sobre a complexidade do termo “comunicação” e por nos inserir, de fato, na pesquisa comunicacional, que amplia o modo como enxergamos o campo, com suas inúmeras possibilidades de estudo. O segundo componente mencionado nos traz as diferentes concepções de cultura e suas influências sobre os meios de comunicação e a sociedade de massa. Nesse componente, deparamo-nos com o desafio proposto em aula: *Discurso sobre um ponto*. Tal atividade diz respeito a se apropriar de um tema relativo sobre o proposto e apresentá-lo aos demais colegas. Esta atividade é importante pois, sem saber, por sorteio, pegamos o ponto “A cultura de massa pelo viés apocalíptico”, o que seria futuramente um dos principais pontos do trabalho. Em função do ponto, aprofundamo-nos no assunto e, como consequência, aprofundamo-nos em temas afins: a cultura de massa pelo entendimento integrado, que mostra uma percepção diferente de cultura, o mito do Superman, um exemplo de como os integrados interagem com a cultura etc.

2 Metodologia

Para que a realização do trabalho seja possível, percorremos quatro passos procedimentais. Nesta seção, explicitamos e detalhamos tais passos.

O primeiro passo realizado é o da pesquisa bibliográfica, que, segundo Stumpf (2010, p. 51), é o ponto inicial para a realização de qualquer trabalho de pesquisa. Requer a identificação, localização e coleta de todo o material bibliográfico que pode ser pertinente ao assunto do trabalho. Além disso, envolve a concepção de um texto sistematizado que deve articular o pensamento do autor com o pensamento do pesquisador. Para tal, é realizada, num primeiro momento, a leitura em fontes primárias, ou seja, em textos que apresentam os quatro conceitos principais que o trabalho utiliza, encontrados nos livros *A Literatura e o Mal* de Georges Bataille e *Apocalípticos e integrados* de Umberto Eco.

O segundo passo realizado é o da pesquisa da pesquisa. Aqui é necessário a estratégia de busca *online* em buscadores como Google Acadêmico, em que são pesquisadas as seguintes combinações de palavras: “Georges Bataille Brasil”, “Bataille Brasil”, “Bataille instante”, “Bataille, Mal e Bem”, “Bataille, instante e futuro”, “Bataille, apocalípticos e integrados”, “apocalípticos e integrados”, “Umberto Eco, apocalípticos e integrados - Brasil”, “Umberto Eco, apocalípticos e integrados - comunicação”, “Umberto Eco e Bataille”, “apocalípticos e integrados - A literatura e o Mal”. A partir dessas buscas são encontrados materiais que auxiliam a realização tanto da seção Justificativa quanto do trabalho como um todo, pois a partir delas é possível identificar o tema como pertinente e novo, pois em buscas que indicam os quatro conceitos, por exemplo, não são encontrados trabalhos que fazem a relação que o trabalho propõe fazer.

O terceiro passo que o trabalho realiza é o de conceber uma lista com os quatro conceitos-chaves principais: Bem, Mal, apocalípticos e integrados. Essa lista de conceitos tem por finalidade organizar e focar o objetivo do trabalho que é revisar tais conceitos para depois relacioná-los de forma que eles se aproximem. Assim, toda vez que usamos esses quatro termos, não devemos entendê-los como simples palavras, mas como conceitos. Nesse sentido, essa lista de conceitos-chaves tem por objetivo manter o foco do trabalho e não banalizar tais conceitos.

O quarto passo que o trabalho faz é a discussão dos conceitos citados, relacionando-os com a questão principal do tempo, em que as ações do Mal são

relacionadas com o aproveitar o instante, ou seja, são atos solitários que não pensam no depois, e as ações do Bem que primam pelo planejar o futuro, são ações que se preocupam com o trabalho, com a estabilidade, com o conforto e com a segurança. A partir disso, buscamos relacionar esses conceitos com os conceitos de apocalípticos e integrados.

Essa relação acontece da seguinte forma: detectamos os aspectos que podem ter ligação com a questão do tempo e buscamos aproximar os conceitos trabalhados com o aspecto selecionado, mostrando a possível relação que pode haver entre eles.

3 Apresentação dos conceitos

3.1 O Mal e o Bem, em Georges Bataille

Aqui apresentamos os conceitos de Mal (instante) e Bem (planejamento futuro) de Georges Bataille (1989), presentes em *A literatura e o Mal*. É importante enfatizarmos que o autor não entende tais conceitos como alegorias ou metáforas (ao modo do Mito da Caverna, por exemplo), ou seja, quando menciona o Mal e o Bem está se referindo aos próprios Mal e Bem, no sentido em que esses conceitos não estão representando outros objetos ou outras situações.

No livro citado, Bataille traz oito autores malditos da literatura: Emily Brontë, Baudelaire, Michelet, William Blake, Sade, Proust, Kafka e Genet, com o propósito de utilizá-los em prol do seu texto, encontrando o Mal e o Bem tanto nos escritos desses autores quanto na própria vida deles. Detectamos que os conceitos de Mal e o Bem acabam sendo expressos pelo autor, ainda que não nos termos que estamos acostumados a usar comumente, em pelo menos sete argumentos para o Mal e seis argumentos para o Bem. O Mal aparece como: instante, Mal puro, transgressão do Bem, sádico, movimento da criança, morte e prazer. E o Bem aparece como: planejamento futuro, organização da sociedade, trabalho, manutenção, coletivo, duração.

Podemos entender o Mal apresentado no livro como algo que está em relação com a ideia de instante, isto é, o Mal é entendido por esse autor como o gozar do presente sem que o foco sejam as preocupações que estão por vir. Os indivíduos que optam pelo Mal (não necessariamente em sua totalidade, mas na maior parte do tempo em pequenas doses) querem aproveitar o acontecimento momentâneo que estão vivendo sem se preocuparem com o depois. Quando estão em relação com o Mal, pensam apenas naquele instante, as consequências são deixadas de lado. O instante se preocupa apenas com o prazer (p. 4), de modo que a importância do acontecimento se concentra apenas no momento em questão.

O Mal apresentado aqui se vale por si mesmo, basta-se por sua própria força. Somente devemos desejar do Mal o próprio Mal. Queremos que a partir dele se tire um aproveitamento material seria não considerarmos o Mal em sua pureza: “nós não podemos considerar como expressivas do mal as ações cujo objetivo é um benefício, um proveito materiais” (p. 14). Ou seja, o autor está, desde já,

diferenciando o Mal do mal do senso comum, cujo objetivo é um benefício. Aliás, o mal do senso comum pode ser relacionado, isto sim, com o Bem, pois ambos agem em função de um benefício externo à situação da ordem instantânea. O que deve nos interessar aqui é o Mal puro, aquele que não se associa à ideia de proveito material.

O Bem, por sua vez, baseia-se no futuro. Os indivíduos do Bem acreditam que o que deve ficar na primazia de suas preocupações é a administração do tempo com o planejamento de suas vidas, enquanto o aproveitar os momentos de intensidades ficam em segundo plano, de modo que o destino determinado (trabalhar, estudar, constituir família, acumular bens) é a obsessão que não cessa. Pois, como a sociedade determina essas ações, é preciso que haja processo de manutenção, isso faz com que, caso os indivíduos queiram se manter nela, precisam necessariamente seguir tais normas.

O Mal não se torna Mal por infringir essas leis, pelo contrário, parte delas. É dependente delas para ter o que romper. Caso não houvessem essas leis (não apenas no sentido jurídico, mas no de definições estabelecidas), não haveria o que ser ultrapassado. O Mal vem à tona quando o Bem é transgredido, logo, necessita do Bem para ser experimentado, caso contrário seria naturalizado. Mesmo que o Mal seja natural à vida (no sentido primário), seu efeito somente aparece quando se encontra em contraste com o Bem: “se a intensidade luminosa do Bem não desse seu negror à noite do Mal, o Mal não teria mais seu encanto” (p. 124).

Considerarmos um criminoso Mal porque ele fere um indivíduo com o intuito de adquirir um bem material, por exemplo, seria banalizar o Mal. O que queremos abordar aqui não se refere àquele mal que a sociedade reconhece como tal no senso comum. Quando nos referimos a ações ou coisas específicas – como dizer que “alguém passou mal” ou ainda relacionar o Mal com atos de ladrões ou assassinos – não estamos buscando, nesses casos, o prazer do Mal. Por esses motivos, Bataille (p. 14) considera o Mal mais puro aquele que é realizado no sadismo; nele se fere unicamente por prazer, é o curtir o Mal, tirar dele um proveito para si, é a dor pura.

Cabe aqui um esclarecimento sobre os sentidos de Mal, em relação ao que Bataille (1989) utiliza e o mal que estamos acostumados a assimilar seu significado no dia-a-dia. O Mal trazido pelo autor se refere a aproveitarmos o tempo instantâneo da nossa vida (mais do que nos preocuparmos com o tempo futuro), de modo que,

quando estamos gozando desse presente, não podemos deixar que os deveres que temos enquanto indivíduos que vivem em sociedade tomem conta do nosso momento. O mal se difere aqui do Mal, pois não diz respeito ao mesmo sentido que o autor busca abordar, mas sim àquelas ações ruins e pejorativas que estamos acostumados a ouvir ou dizer como, por exemplo, dizer que tal sujeito é mal porque cometeu delitos, furtos, crimes. O mal, portanto, não é o nosso tema de interesse neste trabalho.

O Mal, em Bataille (1989), é o sonho do Bem, é o seu desejo mais profundo. Por mais que o Bem tente se manter na ordem que se estabelece, o seu grande segredo é que ele deseja ser Mal, deseja desfrutar do prazer de aproveitar instantes. Bem-futuro e Mal-instante são movimentos completamente diferentes, mas não são contrários: por mais que tentemos impor o Bem contra o Mal, este não pode ser evitado, é natural à vida. A sociedade, por mais que tente eliminá-lo, fracassa, pois, ao realizar esse esforço inútil, acaba divinizando/potencializando o Mal. “É verdade que a humanidade o exclui, mas para engrandecê-lo. O interdito diviniza aquilo a que ele proíbe o acesso” (BATAILLE, 1989, p. 18). O Mal está na margem, porém, está presente e, sendo assim, quanto mais se proíbe o seu acesso mais poderoso se torna; o desejo por seu consumo aumenta, pois instiga-se mais sobre ele, assim como a obsessão por algo: quanto mais tentamos nos afastar e parar de pensar naquilo, mais nos tornamos obcecados.

O Bem implica em um interesse comum, que pressupõe a preocupação futura, de modo que “‘o movimento impulsivo’ da infância” (BATAILLE, 1989, p. 19) é contrário a ele. “A sociedade se organiza de maneira a tornar possível a sua duração. A sociedade não poderia viver se se impusesse a soberania desses movimentos impulsivos da infância” (p. 15). Não se manteria funcionando se desse poder a esses arrebatamentos. Pois o interesse comum implica necessariamente em pensarmos nos outros indivíduos que nos cercam, pensar no bem-estar desse indivíduos; conseqüentemente, esse fato faz com que precisemos nos organizar e planejarmos para tal.

O Mal, conforme já dissemos, é natural à vida, já o Bem é a organização da sociedade para que consigamos viver mais (questão de duração; não apenas viver, mas viver mais tempo). Assim, as crianças ainda não instruídas pela sociedade na forma do Bem, relacionam-se intensivamente com o Mal, pois para elas somente o que há é o instante. Não procedem por paciência, quando querem algo precisa ser

naquele momento, naquele instante, ao passo que se o seu responsável pede para que ela espere um pouco sua resposta vai ser a revolta, o choro, as birras, e esse fluxo natural da infância é o Mal (p. 19), que precisa (pela ordem da sociedade sedentária), paulatinamente, ser superado. Caso contrário, essas crianças se tornarão adultos fora da organização estabelecida.

Sartre, segundo Bataille (1989, p. 32), refere-se ao Mal praticado pela criança como o símbolo de Satã para os que creem em Deus. A criança desobediente às ordens dos adultos emburra-se e revolta-se para afirmar sua singularidade. Certo é que essa liberdade que contém na criança (assim como em Satã) é inferiorizada pelo seu “superior” (Deus/pais), gerando revolta e ódio, ao menos por ora.

Nós somente podemos ter da vida uma visão trágica (BATAILLE, 1989, p. 21). Morte e instante se confundem porque ambos se opõem às pretensões do Bem. A Morte e o instante são de certa forma a vida. A morte é senão o instante, pois abdica da busca dos cálculos da duração. O novo ser que surge depende da morte de um outro ser. Sua vida surge da morte de alguma coisa. Caso isso não ocorresse seria impossível sua existência na terra, não haveria espaço e matéria para o surgimento da sua vida. Para que novos seres surjam é preciso que a morte ocorra. A visão trágica da vida que é, ao contrário de uma noção pessimista, o encantamento da vida (BATAILLE, 1989, p. 21).

O Bem se mostra contrário ao Mal e ao mal, ou seja, ele rejeita o primeiro que está ligado à morte, sendo a condição da vida, e o segundo que é ligado aos atos criminosos (o mal do senso comum). Conforme já dissemos, Bem e Mal não são contrários, no entanto, o Bem insiste em negar o Mal. Isso porque a ideia de tempo é o que nos atormenta desde que começamos a viver em sociedade (BATAILLE, 1989, p. 49). A partir de então, vemo-nos em uma estrada de dois caminhos, tendo que escolher como utilizar nosso tempo. Baudelaire, segundo Bataille (p. 47), diz que a esse pesadelo da sensação esmagadora do tempo nós possuímos duas escapatórias: o prazer ou o trabalho. O prazer faz uso dos nossos recursos para um proveito improdutivo (do ponto de vista funcional e utilitário); por outro lado, o trabalho nos dá recursos para nos planejarmos para o amanhã, para acumularmos recursos para o futuro (p. 47). Considerando que a humanidade, em geral, escolheu o segundo caminho (ou a segunda escapatória), o primeiro passou a ser negado, justamente, porque ameaça o funcionamento do segundo.

O Mal, propriamente dito, não é um caminho, pois é natural à vida, mas pode ser entendido como um caminho na medida em que entendermos a escolha pelo Mal como sendo aquela em que prioriza experimentar a vida em seus instantes e não em sua duração. Blake, segundo Bataille (1989), teve uma vida feita de suscetíveis recusas dos limites que a sociedade impõe, “sua energia rejeitou as concessões ao espírito do trabalho. Seus escritos têm uma turbulência de festa, que dá aos sentimentos que ele exprimia o sentido do riso e de uma liberdade desenfreados” (p. 88, 89). Podemos perceber em Blake faces desse Mal, já que a recusa do trabalho servil é a verdade do Mal (p. 88). Blake recusa o planejamento futuro e dá força aos seus instintos, potencializando os seus desejos.

É sabido que no momento em que o indivíduo passa a viver em sociedade, esta começa a lhe pressionar a se preocupar com o futuro, planejar, trabalhar e acumular. Isso é sua primazia. Assim, organiza-se de forma que o Bem passa a ser necessário para a sua manutenção como tal, dessa maneira abre mão do Mal na maioria das vezes, e isso acontece não por não preferi-lo (talvez o prefira na maior parte do tempo), mas sim porque o Bem é indispensável se quiser que a forma da sociedade se mantenha. Entretanto, essa maneira de viver não é uma forma necessária; é, pelo contrário, uma forma problemática, justamente porque, na maior parte do tempo, busca negar o Mal, ainda que, para continuar mantendo essa ordem, sejam essenciais doses de Mal.

Dessa forma, a própria sociedade se organiza para deixar vazar algumas dessas doses. É quando o indivíduo escapa eventualmente desse caminho e assume o prazer do instante na forma de festas, divertimento sem preocupações, na libertinagem, nos dias de folga do trabalho, nos sábados e domingos. Esses prazeres assumem unicamente o instante. Não há nenhum planejamento do amanhã, interessa apenas o presente (BATAILLE, 1989, p. 49).

Bataille (1989), ao utilizar-se de um trecho de *Carta ao pai* de Kafka para abordar o Mal, observa como a formação familiar e o casamento têm suas validades pela relação que o indivíduo precisa ter com o trabalho (planejamento futuro) para manter-se em tais instituições:

O obstáculo essencial a meu casamento [...] é minha convicção, que, já é definitiva, de que para assegurar a existência de uma família, e sobretudo para dirigi-la, necessariamente são precisas as qualidades que reconheço em você. É preciso, digamos, ser o que você é, trair o que eu sou (KAFKA apud BATAILLE, 1989, p. 137).

Dessa forma, além de trair sua natureza, Kafka teria que abdicar-se da literatura e viver no universo do trabalho tradicional. Ou seja, caso quisesse se manter nessas instituições, teria que preferir o Bem, como determinação estabelecida da sociedade e abdicar do Mal, da sua existência enérgica. Se Kafka não abdica do Mal é porque o que lhe move enquanto escritor é, justamente, essa existência inquietante.

Por volta do século XIX, a sociedade burguesa começa a introduzir vias férreas com o objetivo de aumentar sua produção. Com isso o mundo civilizado intensifica a sua organização pautada na abundante produção de bens e na acumulação de tais bens. E os indivíduos aceitam essa condição acreditando numa perspectiva de libertação do mundo da escravidão trabalhista (BATAILLE, 1989, p. 50 - 51). Assim, o interesse individual torna-se o interesse do capitalismo (p. 51) apenas no sentido de cada pessoa se sentir responsável por suas conquistas. Porém, as vontades individuais são, em verdade, deixadas em segundo plano, pois em primeiro plano passa a importar o trabalho que fortifica a sociedade enquanto instituição. Assim, o que vemos se fortificando é um funcionamento social, ainda que tal funcionamento seja claramente injusto com alguns indivíduos.

Sabemos que é do ser humano, em sua natureza social, a vontade de durar, de nos afastarmos da morte a qualquer custo: apagamos indícios que podem remeter à morte, acreditamos em superstições, afastamo-nos de funerárias, não queremos passar na frente de cemitério. Queremos a paz e o bem de todos (na verdade trata-se apenas de querer se manter vivo) (BATAILLE, 1989, p. 57). Porém, não podemos viver sempre evitando a morte, é necessário passarmos por algumas situações que nos tragam desconforto, para que tenhamos a sensação de que pelo menos por alguns instantes podemos superar a morte, tornando-a mais leve. As artes respondem bem a essas questões, cujo objetivo geralmente é nos levar a estados de emoções incomuns ao dia-a-dia; a exemplo disso, estão as peças de teatro trágicas/cômicas. As artes, mesmo não tendo valor prático (não menos importantes por isso), levam-nos a momentos prazerosos por instantes e, por isso, podemos considerá-las como sendo experiências do Mal (p. 58).

Outro exemplo que podemos entender como experiência do Mal diz respeito ao que o autor (1989) chama de desvio: um “forçar” a possibilidade do desvio. Citando o autor Michelet, Bataille escreve que quando a esse autor faltava

inspiração para escrever, descia a um lugar da sua casa em que o odor era sufocante e o aspirava com toda sua força, e tendo assim se aproximado do seu objeto de horror retornava ao seu trabalho. Aqui percebemos o forçar desse desvio (ir mais além), além do que o momento poderia lhe oferecer naquele instante (p. 65, 66).

3.2 Apocalípticos e integrados de Umberto Eco

No livro *Apocalípticos e integrados*, Umberto Eco (2006) traz uma visão de como podemos ser influenciados pelos meios de comunicação em massa e como a cultura e a sociedade agem diante deles. Para isso, faz um paralelo sobre o que considera uma visão apocalíptica e o que considera uma visão integrada sobre esses meios. Porém, o autor não posiciona-se sobre seu lado, apenas discute os dois conceitos nos oferecendo um panorama sobre as duas formas de enxergarmos os meios de comunicação em massa e sua influência sobre a sociedade.

Tendo esse paralelo entre apocalípticos e integrados, o autor mostra como tais posições agem sob a exposição dos meios de comunicação em massa, em que, ao colocar o lado de cada um, também relata a veracidade dos argumentos de cada e ressalta que nenhum dos lados é ingênuo com o processo.

Assim, o autor reconhece os apocalípticos como aqueles que entendem cultura no seu sentido alemão, *Kultur*, a qual possui uma conotação referida a realizações intelectuais e artísticas, que expressam a individualidade e criatividade de cada indivíduo. O termo *Kultur* é utilizado pelos alemães para descrever feitos no campo da academia, da filosofia e da arte; nesse sentido, cultura são os produtos intelectuais e artísticos de cada um, de tal forma que uma pessoa se torna culta produzindo ciência/arte (THOMPSON, 1995, p. 168).

Dessa forma, os apocalípticos acreditam que a cultura é um fato aristocrático, ou seja, a cultura é rara e por isso imaginar uma cultura reproduzida e que seja produzida de forma a se adaptar às massas é um contrassenso. Para eles, a cultura morre quando é massificada. Portanto, a cultura de massa é, mais propriamente, uma anticultura (ECO, 2006, p. 8).

Por conta desse posicionamento categórico, os apocalípticos recebem muitas críticas; dentre essas, a mais recorrente é a de que, ao conceberem seus textos de crítica sobre a cultura de massa, usam os canais do universo da comunicação massiva para se expressar e, justamente por isso, não há escapatória desse ambiente, todos estão embutidos a essas condições (ECO, 2006, p. 11). Em outras palavras, mesmo que produzam conteúdos criticando a massa, utilizam os meios de massa para se comunicar.

Os apocalípticos observam a cultura nos meios de comunicação em massa para poder problematizá-la; mesmo assim, o autor nos alerta para a possibilidade de

esse grupo estar criticando/teorizando os integrados somente para se sentir superior, mesmo que seja simplesmente pela recusa da cultura de massa. A intenção seria a de criar para si uma comunidade de “super-homens”, aqueles que estariam salvos da banalidade da cultura ordinária. Assim, os próprios textos apocalípticos podem ser apenas mais um produto oferecido à criticada cultura de massa (ECO, 2006, p. 9), pois, ao serem concebidos, tornam-se, mesmo não sendo essa a finalidade, produtos para a massa.

Com relação aos integrados, Eco (2006) os descreve como os otimistas, pois enxergam os meios de comunicação em massa como positivos para a cultura: agora os meios de transmissão de culturas em massa, tais como a TV, o jornal, o rádio e as histórias em quadrinhos, estão disponíveis para todos; a cultura, para eles, agora está democratizada. Assim, acreditam que, com os bens culturais à disposição de todos, há um alargamento da cultura, já que antes era restrita apenas aos que tinham condições de acesso (p. 8, 9).

Para os integrados não há problema se a cultura vem de baixo para cima ou de cima para baixo, pois eles raramente teorizam sobre isso. Ou seja, os integrados se integram à cultura, produzem e operam juntamente com ela.

O autor (2006) traz ainda, nesse mesmo livro, um ensaio intitulado “O Mito do Superman”, em que conta como e porque essa narrativa se encaixa perfeitamente na sociedade que se integra a esses meios de comunicação massivos. Para Eco (2006), o mito, numa sociedade de massa, trata-se da identificação de um objeto, de maneira a conceber uma imagem de aspirações do que gostaríamos de ser (p. 242 - 243). Tal fato é importante para entendermos o porquê do Superman ser considerado um mito na sociedade contemporânea.

O personagem descrito é um herói, que possui aparência de um homem mediano (comum) que trabalha e esconde seus poderes nas vestes de um jornalista, Clark Kent. Sua identificação com o público se dá justamente porque em certos momentos esse herói possui poderes que qualquer um pode ter, as virtudes do herói se humanizam (ECO, 2006).

Nessa história há esperanças, então, o autor acredita que, assim como na história, nada está perdido, seus contempladores veem nela um refúgio, um Passa-Tempo para sua vida complicada. A história nos faz pensar que os grandes problemas da sociedade são os incêndios, os roubos e não a pobreza, a fome. Ainda que essa história se passe no presente, ou seja, ela está em um “contínuo

presente” (p. 260), sua duração pode ser infinita, ela se encerra apenas por exaustão.

Além disso, Eco (2006) aponta que essa crítica pode ser um relato apocalíptico, pois descreve esse personagem como um modelo de heterodireção, ou seja, ele nunca é dirigido por si mesmo; suas ações, assim como sua vida, são guiadas por várias influências e direções a prosseguir: da sociedade, da tecnologia e da publicidade (p. 261).

Umberto Eco (2006) usa o conceito-fetice (conceito em que canaliza todo o desejo em um só objeto) de “indústria cultural” para expressar como essa ideia é reprovável, pois, quando pensamos em cultura, imaginamos o contato de almas, ideias e costumes, já quando pensamos em indústria, pensamos em linhas de montagens, reprodução em série e em mercadorias sem diferenciação/individualização (p. 12). Assim, associar a cultura à indústria seria contraditório. Entretanto, parece-nos que o intuito de tal conceito é, justamente, estabelecer essa inusitada relação.

O termo indústria cultural abrange as técnicas que levam à padronização das obras com o intuito de atender as funções da economia. Geralmente essas obras são produzidas de forma que tenham conteúdos fáceis de serem assimilados, para que não precisem de grandes esforços para serem compreendidas por quem as recebe. Outra característica da indústria cultural é que os produtos devem ter técnicas dos objetos empíricos da vida dos indivíduos, para que haja identificação e um prolongamento do que se consome (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

Quando pensamos em como era a produção de algo artesanal, como um livro antes da reprodução em série, imaginamos a relação que ocorria entre o criador e a sua obra; em cada imagem e cada letra pensadas com cuidado, e em toda a relação artesanal, particular e individual de cada livro. Porém, surge a possibilidade da reprodução em série com a xilogravura, e torna-se mais fácil produzir várias cópias em menos tempo. Dessa forma, surge a reprodução da bíblia, e conseqüentemente exemplares que são produzidos em maiores quantidades tendem a baixar seus custos e se democratizarem, ou seja, mais pessoas passam a poder consumir o que antes não tinham acesso (ECO, 2006, p. 12). Aqui, podemos perceber a clara distinção do que os apocalípticos acreditam ser cultura e a relação dos integrados com a cultura sendo produzida em série.

Com a invenção dos tipos móveis de Gutemberg surgem os livros, e assim esses produtos passam a ser produzidos em séries, e logo cria-se um determinado público que irá de certa forma condicionar os produtos que irão consumir (p. 12). Dessa forma, os integrados participam da produção de cultura, pois ao moldarem seus produtos de consumo estão moldando a própria cultura a seu modo. E é aqui que reside a grande crítica dos apocalípticos aos integrados, de que a cultura tende a ser moldada para seus consumidores, assim, tende a perder a sua essência e a se tornar apenas produto da indústria cultural (ECO, 2006).

Para os apocalípticos, segundo Eco (2006), os meios de comunicação em massa produzem e projetam para a massa, uma educação em massa, e assim acabam reduzindo os sujeitos com suas individualidades à massa. Essa crítica apocalíptica tem uma validade própria, pois denuncia que essa visão otimista dos integrados é falsa e de má fé (p. 18).

Esse aspecto de massa é difundido tanto entre os apocalípticos quanto entre os integrados, pois ambos reduzem os indivíduos ao conceito-fetichismo “massa”. Ao mesmo tempo em que os integrados tornam-se massa, os apocalípticos, ao analisarem as massas, também estão desconsiderando as particularidades dos indivíduos.

Os apocalípticos não só reduzem os consumidores àquele fetichismo indiferenciado que é o homem-massa, mas [...] reduzem, ele próprio, a fetichismo o produto da massa. E ao invés de analisá-lo, caso por caso, [...] nega-o em bloco (ECO, 2006, p. 19).

Para os apocalípticos somente é cultura o que é singular, particular; a cultura deve ser concebida a partir de um ato espontâneo, de um pensamento extraordinário. Já para os integrados, cultura é aquilo que é partilhado e fica à disposição de todos, acreditam na cultura de massa como um alargamento da cultura, operam e se integram com ela e para ela (ECO, 2006).

Dessa forma, a cultura para os apocalípticos é a produção do instante, pensamento automático e espontâneo, que não pode ser para todos e nem programado. Deve surgir no momento de inspiração do indivíduo. Assim, condenam os meios de comunicação em massa que dissipam sua produção homogênea, desconsiderando as diferenças do público e tornando-o em seres que não refletem, pois o conteúdo que divulgam geralmente é entretenimento e lazer de fácil assimilação. A cultura de massa encomenda produções, enquanto que para os

apocalípticos a vontade de produzir deve vir de dentro do ser, e essa é a sua necessidade. De modo que os meios de comunicação em massa tornam-se meios de controle e manutenção da sociedade capitalista, pois essa cultura é produzida por entidades que buscam os fins lucrativos. Assim, os apocalípticos acreditam que essa cultura de massa é uma anticultura, por romper com seus princípios de cultura.

Os integrados absorvem a cultura de massa e operam junto a ela. Para eles, a cultura nos meios de comunicação em massa se democratizou, quem não tinha nenhum acesso à cultura, agora tem. Acreditam que a cultura são conteúdos repassados por esses meios de comunicação em massa e isso contribui para o aprendizado de grande parcela da população que antes não possuía nenhum tipo de alcance a essas informações. Assim, a cultura para eles é integração, que une todos. Consideram que cultura é partilhamento de informações que contribuem para o futuro. A cultura é duração; no momento que distribui-se, torna-se material infindável de conhecimento.

4 Aproximação\discussão

4.1 Instante (Mal e apocalípticos)

No seguinte texto realizamos a relação do tempo instante com as ações do Mal e o com o conceito de cultura usado pelos apocalípticos, mostrando similaridades e possíveis aspectos em comum.

O instante é uma característica de tempo que podemos fazer relação do Mal com os apocalípticos, pois da mesma forma que o Mal valoriza o tempo instante em sua vida, o apocalíptico considera cultura os produtos produzidos sob uma lógica do instante. Uma produção espontânea que não é tencionada nem programada, apenas acontece porque há vontade de criação do próprio indivíduo.

O Mal preocupa-se com o instante por considerar tal tempo o que há de mais puro (natural) em sua vida, é o não negar o seu instinto. As ações que optam pelo Mal abdicam do conforto de viver com segurança, em troca de prazeres da ordem do instante (em que não há preocupação futura) na qual uma vida enquadrada na sistematização da sociedade não seria possível, pois a sociedade necessita de precauções relativas ao futuro na maior parte do tempo. Os apocalípticos valorizam e consideram cultura o que é produzido a partir de uma relação do momento (momento não no sentido de que a produção é realizada a partir do nada, pois, mesmo sendo da ordem do instante, não podemos diminuir a importância do estudo e da pesquisa). Suas produções têm a necessidade de serem únicas, devem surgir do sentimento que estão tendo em tal momento da vida, e jamais serem programadas.

A cultura para os apocalípticos não pode ser pensada para atender funções, mas deve estourar, suas criações devem ser produzidas a partir de sentimentos que transbordam, sentimentos impossíveis de conter, que vertem. Se a criação tiver a necessidade de ter pré-requisito (ser útil, funcional ou para fins comerciais) já não é mais cultura para eles. Os materiais pré-definidos para as massas tornam-se outra coisa que não cultura (indústria cultural).

Ao preferirem o Mal, apocalípticos não colocam na balança a decorrência do que vão fazer, simplesmente o fazem, não por não pensarem em suas consequências, mas sim por não as terem como principais preocupações: “a beleza que desperta um canto é a infração à lei, é a infração ao interdito, que é também a

essência da soberania. A soberania é o poder de se colocar, na indiferença para com a morte, acima das leis que asseguram a manutenção da vida” (BATAILLE, 1989, p. 159). Quando desempenham algo, o fazem porque de certa forma precisam daquilo. O que repete-se nas as criações apocalípticas, que devem verter do indivíduo por sua necessidade própria e jamais ser pensada para atender a alguma condição, ou por alguma decorrência programada.

A cultura enquanto obra para os apocalípticos deve se bastar e valer por si só. Como em Bataille (1989), em que o Mal faz relações com ações espontâneas dos indivíduos que não estão preocupadas em fazer algo para atender a alguma demanda, mas sim por precisarem, por sentirem essa necessidade.

4.2 Planejamento futuro (Bem e integrados)

Nos seguintes parágrafos que se seguem realizamos as possíveis relações existentes de planejar-se com as ações do Bem e o conceito de cultura estabelecido pelos integrados. Para isso, encontramos aproximações desses dois conceitos com o preferir o tempo futuro ao instante.

Podemos perceber que a primazia em preocupar-se com o planejamento futuro pode fazer relações com o Bem de Bataille (1989) e com os integrados de Eco (2006). Tais conceitos trabalhados aqui dizem respeito àquelas ações que são empreendidas tendo como referência uma preocupação futura.

O Bem faz relações com o controle sistemática da sociedade. Como os indivíduos vivem nela, há alguns instrumentos necessários de organização para que a manutenção de seu funcionamento se estabeleça em ordem de uma forma sutil. O trabalho é uma delas, que utiliza dos esforços físicos e mentais dos indivíduos, porém, essas pessoas têm a consciência de que futuramente serão recompensadas. Tal fato também ocorre com os integrados, que operam junto aos meios de comunicação em massa, encantam-se com a funcionalidade e com a possibilidade de colher benefícios a partir disso. Para os integrados, a cultura de massa é integração e acesso, acreditam que essas informações apresentadas nos meios de comunicação são úteis para os seus futuros.

As ações do Bem demandam uma série de requisitos básicos à vida dos sujeitos: trabalho, família, casa, saúde, alimentação farta. Essas determinações fazem com que o indivíduo se adapte a essas necessidades para se manter sem

problemas nela. De modo que, se preferir dedicar a maior parte do seu tempo aos prazeres (Mal), tais exigências de manutenção não serão cumpridas e será pressionado pela sociedade a se readequar. Caso não ocorra, certamente terá problemas, “o lado do Bem é o da submissão, da obediência. A liberdade é sempre uma abertura à revolta, e o Bem está ligado ao caráter fechado da regra” (BATAILLE, p. 176). O Mal desvia, possibilita a criação de novos caminhos, já as ações do Bem abdicam de prazeres do instante em busca de alcançar as prescrições propostas. “Toda a humanidade está disposta a subordinar o tempo presente ao poder imperativo de um objetivo” (BATAILLE, 1989, p. 131). Assim, a lógica do Bem faz com que os indivíduos se mantenham nas fórmulas pré-condicionadas da sociedade.

Os integrados, por sua vez, consideram cultura os conteúdos que são dissipados pelos meios de comunicação em massa, acreditam que com isso há uma democratização da cultura, porém, esses materiais são propostos em blocos, para o coletivo e nunca para o indivíduo especificamente, ou seja, as corporações estudam os anseios da massa e oferecem conteúdos moldados e sem diferenciação. Os integrados consideram que, se a massa absorve tais ideias sem questioná-las, é porque assim o quer; e que se o conteúdo é de fácil assimilação, é porque se trata do conteúdo que se adapta à realidade e ao ritmo da nova sociedade. O problema, do ponto de vista do Mal (e por isso que o Mal está mais relacionado com a outra perspectiva, a dos apocalípticos), é que, dessa forma, não sobra muito tempo para os indivíduos refletirem e explorarem seus prazeres. Tudo já está posto e pronto. Além disso, os meios de comunicação abordam o Mal como sendo negativo, e o Bem como positivo: em novelas, por exemplo, um sujeito que trabalha e tem família é considerado bom, enquanto que o indivíduo que tem ações direcionadas aos seus prazeres é considerado o problemático da história, aquele que precisa, ao final, readequar-se ou ser penalizado.

A preocupação com o coletivo também é ressaltada no Bem, sua organização desperta responsabilidades que precisamos ter com indivíduos que vivem conosco, de tal forma que precisamos nos organizar e planejar para que possamos garantir o bem-estar dos que vivem junto à nós. Assim, nossos anseios individuais são deixados para o segundo plano. Além disso, os indivíduos precisam dos seus semelhantes para atestar sua habitação, “o mundo é obrigatoriamente o bem daqueles a quem uma terra prometida foi atribuída, que, se for preciso, trabalham

juntos e lutam para chegar a isso” (BATAILLE, p. 138). Dessa mesma forma, a preocupação com o futuro do coletivo é ressaltada tanto no Bem quanto nos integrados que acreditam que com o esforço presente terão um futuro recompensador e deixam para um segundo plano seus desejos individuais e anseios da ordem do instante.

Nesse momento, cabe ressaltarmos que não podemos confundir a ideia de coletividade associada aos integrados com a ideia democrática de coletividade, aquela do sentido social, em que queremos o bem-estar e garantir os direitos iguais a todos; não é dessa coletividade que estamos tratando, mas sim no sentido sociável, de que precisamos do outro para nos mantermos com conforto onde vivemos. Por exemplo, se uma fiação em nossa casa estragar, precisaremos de um electricista para consertar essa função específica da qual não temos habilidade, então, torna-se necessária uma lógica coletiva de solidariedade (para usarmos o termo de Durkheim).

Outra ressalva que se faz importante é a de que a individualidade que caracteriza as ações do Mal e dos apocalípticos não pode ser confundida com a individualidade capitalista, aquela da propriedade privada. A individualidade que abordamos aqui é a da singularidade: expressão de necessidades e anseios diferentes entre si.

4.3 Singular (Mal e apocalípticos)

No texto a seguir, realizamos aproximações entre as ações do Mal e o conceito de cultura estabelecido pelos apocalípticos com o aspecto de que ambos têm fortes características no que diz respeito à originalidade e raridade.

A singularidade é um elemento de importância no que diz respeito às ações do Mal e às relações acerca do conceito de cultura usado pelos apocalípticos. Estes não consideram cultura os objetos que os meios de comunicação em massa dissipam, justamente porque difundem conteúdos massificados e banalizados. A cultura para eles deve ser rara, original, aquilo que o indivíduo produz enquanto vontade própria e somente para atender a um anseio pessoal e nunca imposto por alguém.

Adorno e Horkheimer (1985) criticam os meios de comunicação em massa por esses reduzirem as singularidades dos indivíduos. Tais meios difundem

conteúdos que resultam em uma falsa identificação, em que o particular e o universal se confundem, “as particularidades do eu são mercadorias monopolizadas e socialmente condicionadas, que se fazem passar por algo de natural” (p. 73). Ou seja, esses meios conseguem criar estereótipos que fazem os indivíduos se identificarem, porém, esses padrões estabelecidos são na verdade uma forma genérica de identificar os indivíduos, já que possuem particularidades diferenciadoras entre eles.

Os indivíduos imaginam uma constante renovação de informações e entretenimento, mas a realidade é que o que há é sempre o mesmo do mesmo, conteúdos idênticos em uma nova forma: “a máquina gira sem sair do lugar. [...] ela descarta o que ainda não foi experimentado porque é um risco” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 111). Para o sistema se manter, os meios de comunicação em massa não podem difundir conteúdos que tenham a possibilidade de que os indivíduos instiguem-se e passem a questionar, se isso acontecesse a manutenção estaria em constante ameaça.

Dessa forma, Adorno e Horkheimer, segundo Polistchuck e Trinta (2003, p. 109), substituem o termo *mass culture* por *Kulturindustrie*, por analisarem que os meios de comunicação em massa desconsideram totalmente as particularidades dos indivíduos. Os apocalípticos consideram cultura o que é único, da ordem do individual; nesse sentido, é possível trazer o termo *Kultur*, utilizado pelos alemães ao se referirem à cultura, para embasar essa relação.

Os apocalípticos acreditam que somente é cultura o que é singular, para os que fazem bem aquilo que fazem; é para poucos. A cultura para eles pode ser para todos, mas dificilmente será: todos têm a possibilidade de serem professores, mas só alguns conseguirão de fato lecionar. O grande problema que apocalípticos apontam é construir as coisas de forma artificial. Como não se pode exigir tais habilidades de todos, pois nem todos os indivíduos conseguem de fato realizar algo, as coisas acabam adaptando-se da forma mais fácil possível, para que todos possam fazer, mesmo que de forma rasa. Aqui reside o grande problema para eles, adaptar tudo para que seja compreensível e viável. Não há problema adaptar um artefato tecnológico, por exemplo, para facilitar a vida das pessoas, a adversidade deles é adaptar inclusive os bens culturais de forma genérica apenas para garantir o acesso em abundância. Ou seja, o problema não é a industrialização em si, mas sim a industrialização da cultura.

Para os apocalípticos cultura são as produções espontâneas que não se limitam a um prazo ou a algo; é a produção do instante, as ações do Mal também devem ser realizadas pelo indivíduo em benefício a ele mesmo (no sentido de ser justo com os seus desejos e urgências), sem função, utilidades nem preocupação com o próximo (justamente porque o próximo já é da ordem das consequências). As ações do Mal, assim como o entendimento de cultura dos apocalípticos, são solitárias.

Dessa forma, os apocalípticos creem em uma cultura no sentido alemão de *Kultur*. “se associa à ideia de criação de que o espírito humano é capaz” (POLISTCHUCK; TRINTA, 2003, p. 109), ou seja, acreditam que cultura é aquilo que o indivíduo produz enquanto mente e alma, são as obras criadas a partir de uma ordem artística e/ou intelectual. Motivo pelo qual criticam os meios de comunicação em massa ao considerarem cultura conteúdos técnicos produzidos para o coletivo a fim de algum benefício posterior, o que acaba destruindo o sentido de cultura que acreditam. As ações do Mal, também não pensam nas consequências, apenas no instante. Esse planejamento do depois é o que impede o prazer de efetuar-se: “a fraqueza previdente se opõe ao princípio do gozo do instante presente. A moral tradicional concorda com a avareza, ela vê na preferência pelo gozo imediato a raiz do Mal” (BATAILLE, 1989, p. 126).

A aura da obra de arte, que Walter Benjamin (1994) traz, é conceito que expressa a ideia de singularidade tão cara ao pensamento apocalíptico. Esse conceito diz respeito à intensidade que uma criação é capaz de transmitir. Com a sociedade de massa, a reprodução em série passa a não mais depender de habilidades artísticas, as obras começam a ser reproduzidas infinitamente. Benjamin, dessa forma, acredita que a aura dessas obras se perdem, pois, ao serem reproduzidas, a força em torno delas enfraquece, mesmo que esse processo seja realizado perfeitamente.

Encontramos autenticidade apenas nas obras originais, pois é nela que reside toda a história por trás de sua criação, “é nessa existência única, e somente nela, que se desdobra a história da obra” (p. 167). De tal forma que conseguimos realmente sentir a história por trás da obra. Mesmo que não conheçamos o seu processo de criação, podemos imaginar, com todos os seus detalhes e potências, o que a obra genuína transmite. Em uma obra reproduzida, temos ciência de que não

há uma história realmente por trás, pois sabemos que a reprodução em série se dá de forma padronizada.

“O aqui e agora do original constitui o conteúdo de sua autenticidade” (BENJAMIN, p. 167), desse modo, conseguimos ter sensações que são somente do indivíduo na ordem daquele instante de apreciação/experimentação. Da mesma forma as ações do Mal precisam ser autênticas, de vontade própria, pois estão relacionadas com o natural do ser humano, do que é de sua natureza primeira. Essas ações dizem respeito a um instante singular da ordem do agora.

Para cada indivíduo que contempla uma obra há um sentimento singular que não torna a se repetir (não da mesma forma). O autor tenta explicar essa aura como sendo o instante que singulariza a obra e a torna única em relação a suas reproduções: “a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja” (p. 170). A aura desperta sensações reais, sensibilidade sobre tudo o que ocorre ao nosso redor. Da ordem da experiência na qual não temos domínio e nos foge da lógica da explicação. Assim como as ações do Mal não precisam ser justificadas, justamente porque não há o que explicar, devem apenas ser vividas e experimentadas unicamente a favor da satisfação do prazer do momento.

4.4 Ordinário (Bem e integrados)

No seguinte texto, realizamos a aproximação entre os aspectos do ordinário com o conceito de Bem e o conceito de cultura estabelecido pelos integrados, encontrando características do comum, do usual e do dia a dia que podem ser ressaltadas no que diz respeito a esses dois conceitos.

É possível fazer relações a partir dos aspectos do ordinário tanto com os integrados quanto com as ações do Bem. Basta observarmos os apocalípticos e as ações do Mal para entendermos essa relação. Os primeiros se opõem à cultura comum que é dissipada pelos meios de comunicação em massa justamente por entregarem conteúdos indiferenciados e genéricos aos indivíduos. Os segundos possuem características de oposição aos aspectos do ordinário. As ações do Mal devem conter em si fugas do cotidiano e para serem aceitas em sociedade (Bem) não podem ser contínuas, devem ser curtas. Se um sujeito, por exemplo, quiser fazer festa, beber ou efetuar seus prazeres durante os sete dias da semana será visto de forma negativa, é o caso de Kafka que, segundo Bataille (1989), gozava do

Mal de forma intensa: “ele simplesmente se comportava de maneira a se tornar insuportável ao mundo da atividade interessada, industrial e comercial, queria continuar na puerilidade do sonho” (p.135). O fato muda se essas ações forem pontuais e no seu término voltarem ao cotidiano habitual, pois aí não há nenhum problema, o sujeito responsável volta ao seu posto na sociedade.

Os integrados têm como cultura os conteúdos habituais e impessoais transmitidos pelos meios de comunicação em massa sem nenhuma adversidade, pois, para eles, cultura é partilhamento e acesso constante, não há aborrecimentos se esses materiais sejam elaborados para uma massa. Ao contrário dos apocalípticos, os integrados são desprendidos, não costumam pensar *sobre*, simplesmente se integram ao movimento sem muito questionar. Os integrados precisam do acesso constante e as ações do Bem precisam ocorrer com uma certa frequência e serem contínuas, pois dizem respeito ao cotidiano em sociedade, que decorrem justamente da oferta de nos proporcionar conforto e estabilidade e duração.

O Bem é o correto segundo a organização estabelecida, é uma receita com selo de confiabilidade para conseguirmos os benefícios de nos mantermos sob esse arranjo estabelecido: “a lei (a regra) é boa, ela é o próprio Bem (o Bem, o meio pelo qual o ser assegura sua duração), [...] o Mal decorre da possibilidade de infringir a regra. A infração amedronta” (BATAILLE, 1989, p. 164). Sabemos que do planejamento colhemos estabilidade, viveremos bem se optarmos por um bom trabalho, o contrário viveríamos na assombrosa instabilidade. Nesse aspecto resulta a grande cobrança de se ter um bom trabalho, escolher fazer um curso superior que teoricamente traz confiança, é um “futuro certo”, não tem erro, o futuro está assegurado.

Os integrados felicitam a era da reprodução pois agora podem ter acesso ao que não tinham antes. A possibilidade do contato com uma obra, mesmo reproduzida, já significa algo. Como comenta Benjamin (1994), mesmo a obra de arte perdendo sua aura ao ser reproduzida, ao menos disponibiliza acesso aos que não conseguiriam ter contato se não fosse dessa forma: “ela [a reprodução] pode, principalmente, aproximar do indivíduo a obra, seja sob forma de fotografia, seja do disco. A catedral abandona seu lugar para instalar-se no estúdio de um amador” (p. 168). Dessa forma, os integrados aceitam materiais genéricos sem problemas, pois

acreditam que o acesso é capaz de lhes proporcionar benefícios maiores que a raridade e a singularidade das coisas.

Os aspectos do ordinário também podem ser encontrados na concepção descritiva de cultura, assim denominada por John B. Thompson (1995). O autor refere-se a essa concepção como sendo aquela que entende que cultura é um “todo complexo” (p. 172). Para os pesquisadores que Thompson refere-se, cultura são características da sociedade que diferenciam os indivíduos de uma época e outra, conjunto de hábitos, costumes, valores, artes, ideias, assim como feitos e objetos adquiridos de uma sociedade; dessa forma, diz respeito a tudo o que o homem produz no seu dia-a-dia, sem que essas atividades, necessariamente, estejam ligadas ao desenvolvimento da mente ou produção intelectual.

As questões do ordinário são ressaltadas tanto nas ações do Bem quanto na cultura dos integrados e na concepção descritiva de cultura de Thompson (1995). É possível identificar tal fato na valorização do comum do que decorre em sociedade nos três casos. Nas pesquisas de Thompson, especificamente, os estudos sobre a cultura de Taylor deveriam pesquisar o desenvolvimento das espécies para ter conhecimento de como evoluímos da selvageria à civilização; da mesma forma, podemos fazer relação da sociedade de massa com os produtos de consumo: reconhecemos, muitas vezes, o desenvolvimento de um local em relação aos elementos que podemos encontrar onde vivemos, costumamos dizer que um local é atrasado pois ainda não chegou um celular específico, por exemplo. Dessa forma, a cultura estaria ligada a tudo que os indivíduos fazem em sociedade, e deixaria de ser uma atividade específica, ou atividade rara.

A cultura no caso apocalíptico deve ser algo produzido em sua singularidade, já no caso dos integrados é algo consumido. Ainda que possa haver produção, é uma produção que inclui o banal, o ordinário.

4.5 Integração (Bem e integrados)

No seguinte texto realizamos a aproximação do aspecto de integração do Bem com o conceito de cultura constituído pelos integrados, mostrando de que forma esses dois conceitos podem ter características em comum.

O Bem de Bataille (1989) constituído em sociedade diz respeito às ações pré-estabelecidas, é a forma pronta para seguirmos uma vida tranquila dentro dessas

predefinições. Ao nos oferecerem essas fórmulas, a oferta de nos integrarmos a essa dinâmica é tentadora. Uma vez que, se seguirmos essas regras e normas, teremos uma vida estável e confiável, sabemos que iremos durar (sobreviver) se nos integrarmos a esse modo de viver (p. 161), em que não nos faltará moradia, alimentação, saúde, conforto e todos os outros benefícios consagrados. Os integrados nesse aspecto fazem uma relação parecido com o conceito do Bem, uma vez que se integram ao movimento dos meios de comunicação de massa.

Os integrados veem nos materiais dissipados pelos meios de comunicação de massa uma forma de ingresso e acesso a elementos que não tinham alcance anteriormente, e por isso mesmo não podem deixar essa chance escapar. Ao entrarem em contato com esses meios, os integrados unem-se, operam e produzem junto a eles de forma que não passam a questionar ou pensar *sobre*, e não porque são ingênuos, mas sim porque sua preocupação maior é manter o acesso expansivo da cultura e, para garantir isso, precisam integrar-se ao movimento, para que ele continue estabelecido e consolidado.

Da mesma forma, as ações do Bem são subordinadas às definições estabelecidas da sociedade, pois creem que a funcionalidade é a melhor forma de afirmar sua durabilidade na terra; dessa forma, incorporam-se nas predisposições: “se quer se manter vivo, faça isso e isso!” É o caminho correto, com fórmulas e bases fixas para se ter o que se propõem. Assim, precisam integrar-se a essas normas, é uma espécie de ação-reação, ao contrário do Mal que não pensa nas consequências das ações, podendo dessa forma fugir dessa integração (mesmo que temporariamente). Já o Bem necessita dessa união para se manter.

4.6 Acesso (Bem e integrados)

No texto a seguir abordamos a característica do acesso que pode ser encontrada nos conceitos de Bem e integrados, de forma a aproximá-los por tal aspecto.

As leis devem garantir seu acesso a todos os indivíduos em sociedade. Para termos os direitos garantidos, devemos primeiramente estar adequados ao sistema da sociedade. Ganhamos nossos direitos a partir do momento que nos tornamos seres legitimados. O Bem são as formulações que garantem o acesso às diversas esferas da sociedade. Por exemplo, se quisermos constituir uma família, primeiro

precisamos ter um trabalho, se quisermos ter dinheiro, primeiro precisamos trabalhar e acumular (ou seja, evitar ao máximo gastar com prazeres do instante e guardar para ter dinheiro no futuro).

Para entrarmos em tais esferas da sociedade, precisamos, num primeiro momento, seguir as regras do modo que foram impostas, o acesso somente é garantido a quem cumpre o proposto. Do mesmo modo que as ações do Mal são vistas de forma negativa (principalmente se realizadas a todos os instantes), justamente por não fazerem questão de estar nessas esferas. O Mal, sendo egoísta, não importa-se com família ou dinheiro, por exemplo, pelo menos não por aquele tempo específico de curtição do prazer (isto é, pelo tempo próprio do Mal).

O Bem, como lei, oferece-nos a fórmula da manutenção da vida de uma forma segura e confortável. O Mal, enquanto transgressor, na forma de romper com as leis (no sentido também de condições impostas da sociedade), necessita das leis/normas para existir. Dessa forma, também precisa acessá-la, porém, não para garantir os benefícios oferecidos, mas sim para rompê-la e ter o prazer de tirar para si uma satisfação.

Os integrados seguem a mesma lógica do acesso do Bem: são os otimistas em relação aos meios de comunicação, justamente, pela garantia de acesso que agora é possível. Esses meios são formas democráticas de afirmar sua cultura, segundo eles. Os indivíduos veem nos conteúdos dissipados pelos meios massivos como modo de representar sua cultura (ECO, 2006).

Ao contrário dos apocalípticos que creem que a cultura compartilhada e acessível a todos é uma tragédia, pois tende a adaptar-se para atender a massa. Os integrados exaltam o acesso a todos, pois agora conseguem alcançar possibilidades inimagináveis. O acesso a um quadro, por exemplo, para muitos hoje é possível graças à reprodução em diversos meios, e em diversas formas, seja em sua reprodução perfeita ou adaptação.

4.7 Recompensa (Bem e integrados)

No texto a seguir tratamos da função da recompensa presente nos conceitos de Bem e na concepção de cultura dos integrados, entendendo essa técnica como fundamental para manutenção do que se propõe.

As ações do Bem enquanto estabelecimento de normas e instituições sempre procuram oferecer uma recompensa, um prêmio, caso o proposto seja, evidentemente, cumprido de forma correta.

O esforço depositado no trabalho será recompensado algum dia. Acumular bens fará com que todo o sacrifício valha a pena (é, pelo menos, o que se acredita). Assim como em algumas religiões, o que se propõe é que todo o sofrimento e dificuldade será retribuído: na vida após a morte iremos para um lugar melhor do que estamos e, por isso mesmo, devemos nos sacrificar nessa vida. A recompensa aqui aparece como fundamental para o funcionamento do sistema, da mesma forma que um cão é recompensado caso faça tudo como seu adestrador lhe propôs.

Os integrados, por sua vez, creem que a cultura de massa estabelecida para todos oferece aos indivíduos gratificações que não existiam anteriormente de forma democrática. Para eles, a recompensa não virá do inesperado, devem se esforçar e lutar por aquilo que se estabelece como desejo e necessidade para conseguirem.

Enquanto que o Mal e o conceito de cultura dos apocalípticos prefere o prazer do momento ao sacrificar-se para serem premiados no futuro. Aqui o que há é o aproveitar/experimentar, de modo que o que está em jogo é tirar proveito do puro prazer que o instante é capaz de oferecer, sem preocupar-se com o que está estabelecido.

4.8 Sedentário e Nômade (Bem e Mal)

Nesta seção, trazemos os conceitos de sedentário (sedentarismo) e nômade (nomadismo), de Gilles Deleuze e Félix Guattari, presentes no livro *Mil Platôs vol. 5* (1997), a fim de relacioná-los com os conceitos de Bem e Mal, de Georges Bataille (1989).

O conceito de nômade, para Deleuze e Guattari (1997), diz respeito a aqueles sujeitos que, embora tenham uma terra, não têm lugar fixo, isso porque acreditam que a desterritorialização (sair de suas terras) constitui a reterritorialização (possuir a terra, tomá-la para si), isso porque a terra não se torna suporte ou base para algum fim, e sim se torna simplesmente terra, o que é de sua natureza, pois este sim é o seu movimento natural. Quando impomos a utilização de alguma terra para um fim, estamos querendo outro movimento, o das ações globais que movem o mundo a seu modo, de acordo com suas regras; dessa forma, o movimento natural é rompido e

substituído pelo das intervenções. Da mesma forma as ações do Bem ocorrem apenas por imposição, é o movimento da sociedade, para deixar tudo na ordem estabelecida, enquanto que o movimento natural, o do Mal, são as ações que não possuem finalidade, ou planejamento, muito menos estabilidade; as ações do Mal são puro movimento, uma vez que são atos do instante, intensos, o movimento somente cessa quando o Bem volta a reinar.

O sedentário fixa-se, ocupa um espaço, transforma-o em solo e base, é cercado por muros e caminhos limitados. O nômade, por sua vez, não possui um espaço, porque ele sempre *está de passagem*, de tal forma que o seu espaço é liso, sem referências, ou seja, não está delimitado, é marcado por linhas que se apagam e transferem-se a partir do seu deslocar (DELEUZE; GUATARRI, 1997).

Ora, a relação nos parece estar bastante evidenciada: o Bem sabe para onde seguir, há um caminho seguro e já delimitado (o da família, o do trabalho etc.); o Mal, por sua vez, aproveita o instante que está vivendo, unicamente o momento, as ações do instante não se repetem, devem ser únicas, começam e recomeçam, não param (como movimento natural da vida, não pode parar, deve sempre buscar formas de deixar vazar para não explodir); não há uma continuidade, apenas começos e recomeços (de formas diferentes).

O nômade é um problema para as religiões e famílias, pois essas instituições precisam ter seu lugar fixado, seguro e consolidado. A esse aspecto os autores (1997) relatam como um ideal de sedentarização: uma forma de impor a opção sedentária como necessariamente a melhor, a mais lógica. De tal modo que, caso as ações do Mal ocorram a todo momento, a sociedade começa a enxergar como um problema que precisa ser resolvido, podado, pois essas ações desestabilizam, saem do seu lugar comum (das ações realizadas “naturalmente” no dia-a-dia).

A relação do sedentário com a terra é de propriedade, posse; o sedentário precisa possuir a terra e tirar proveito dela, seja na forma de moradia, plantação ou consumo, enquanto que a do nômade é de puro movimento que não cessa; para ele o que vale é o estar em movimento, não limitar-se e não parar. O Bem precisa ter um lugar na terra, precisa ter onde morar e estabelecer-se; o Mal quer o proveito independente de lugar.

4.9 Cronos \neq Aion (Bem \neq Mal)

Pensamos ser possível dizer que, a esta altura do trabalho, já podemos afirmar que apresentamos argumentos que mostram que Bem e Mal não opõem-se, porque, em verdade, estão em planos diferentes, em lógicas paralelas. Os conceitos evidenciam tempos diferentes (presente com base no passado e no futuro, no que tange o primeiro; instante, no que tange o segundo).

No livro *Lógica do sentido* (2009), de Gilles Deleuze, o autor traz os conceitos de Cronos e Aion, ambos relativos ao modo de lidar com o tempo. Tais conceitos tornam-se brechas para possíveis aproximações com os conceitos de Bem e Mal.

Para Deleuze (2009), o tempo Cronos diz respeito ao tempo cronológico, aquele que reconhecemos e estamos habituados. O Cronos possui uma ordem, com pontos de referências de começos e fins. Nesse tempo o presente é sempre limitado, o passado e o futuro são apreendidos pelo tempo presente. O presente aqui é o que existe, o passado e tempo futuro são apenas a passagem do presente. Nesse sentido, é apenas a decomposição em passado e futuro. Cronos é limitado e infinito: “circular no sentido de que engloba todo o presente, ele recomeça e mede um novo período cósmico após o precedente, idêntico ao precedente” (p. 168). Cronos é limitado porque depende de matéria humana para existir; caso não houvesse seres, a organização cronológica perderia seu sentido. Cronos é cíclico, repetitivo, começa, termina e recomeça, sempre dependente da matéria limitada que está agindo sobre ele. O presente nada mais é do que uma sucessão de passado e futuro. Para Cronos, somente o que há para exprimir o tempo é o presente vasto.

Podemos identificar que o conceito de tempo Cronos é o que torna o lógica do Bem possível, pois, para que o Bem exista, deve haver uma história, isto é, uma trajetória. Uma pessoa somente é o que é pelo conjunto de ações que acumula durante sua vida; essas ações formam o seu caráter e tal fato permite o juízo moral. Essa trajetória é o possível pelo tempo Cronos que mede as ações por fatos pré-definidos. Cronos é causa-efeito.

Diferente é Aion, que mede o instante. Para ele não há trajetória nem história, “é preciso manter uma luta sem reticências” (BATAILLE, 1989, p. 138). Na lógica de Aion, uma pessoa expressa um jeito num instante e, no seguinte, já pode expressar

completamente outro; suas ações não acumulam, mas sim se dissipam e transformam-se.

Cronos possui pontos de referências; sabemos onde começa e onde termina algo. Desse modo, organizamo-nos. Por exemplo, em nossa rotina (a rotina da sociedade) acordamos, trabalhamos, vamos para casa, dormimos e no outro dia recomeçamos todo o processo novamente. Infinitas vezes repetimos esse procedimento em nossas vidas, pois é o processo que está estabelecido. É nesse presente vasto que vivemos, em um tempo cíclico e limitado que tem começo, meio e fim. De tal modo que tudo possa ficar perfeitamente ordenado para continuar infinito.

Já o tempo Aion não possui pontos de referências, é uma linha reta, um corte, que nunca se repete, é acontecimento, uma fotografia por exemplo, é a apreensão eterna do instante. Diferente de um filme que tem uma ordem, uma narrativa com começo, meio e fim, a fotografia a cada instante é única, é a ruptura no tempo de Cronos. No tempo de Aion não conseguimos enxergar o início nem o fim (diferente do Cronos que é um ciclo). “Na singularidade dos paradoxos nada começa ou acaba, tudo vai no sentido do futuro e do passado ao mesmo tempo” (p. 82). Para exemplificarmos, pensemos no surgimento da vida e nos deparamos com o *Big Bang*, porém, não sabemos o que existia antes disso, o que é o início. Aion é a forma vazia, independentemente de qualquer matéria. É o tempo passado-futuro sem passar pelo presente, pois é uma sucessão de instantes que não cessam, em que nenhum presente pode ser fixado. Nesse tempo, somente o que há são instantes.

Pela lógica de Aion, um instante não está ligado a outro. A ligação de tempo que estamos acostumados é apenas uma lógica associativa de Cronos. Para Deleuze (2009), o tempo natural é o Aion, Cronos é o tempo da civilização humana, em que a ação de ontem estará ligada ao hoje e ao amanhã; Cronos entende o tempo como um jogo de dominó. A regra é Aion, Cronos é a exceção. Para exemplificarmos: entendemos a água como fluxo (Aion), o movimento que nunca cessa; se congelarmos essa água, ela não deixa de ser água enquanto fluxo, apenas toma um estado diferente. Esse congelamento ocorre graças ao tempo Cronos, que é um tempo que ordena, organiza o fluxo, porém, tal estado é de exceção; na sequência, volta a ser fluxo.

A lógica de que estamos acostumados é a lógica de Cronos, porém, para o tempo Aion o passado não é o que ficou para trás, assim como o futuro não é o que está à frente, tudo é instante que divide-se infinitamente. De modo que o nosso passado é o agora, pois estamos nele e logo é o nosso futuro, pois já passamos dele. O tempo é feito de instantes. De modo que quando lembramos de alguma viagem e queremos contá-la a alguém, geralmente tal viagem se transforma em algo diferente do que passamos, justamente porque a viagem já é outra coisa, e se esperarmos mais um tempo, e a contarmos novamente, já será outra coisa, tanto em relação à viagem quanto em relação ao que contamos anteriormente, pois não se trata de passado estático que ficou para trás, mas de instante que se transforma.

O Mal, assim, pode se relacionar com o Aion, tempo composto somente de instantes. De tal forque que o Mal é instante que possui uma força momentânea, o tempo Aion é feito de instantes que não se repetem. Para Aion não precisa haver uma lógica, da mesma forma as ações do Mal que, ao sentirem vontade de expressar-se, não buscam uma razão para tal. No momento de ápice, Mal e Aion não preocupam-se com algo específico, pois não precisam de nada para apoiarem-se, são independentes. Tudo é instante imediato, potência que não precisa de lógica para ser fato.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a sociedade se preocupando cada vez mais com a questão do tempo, trazemos o presente trabalho para, além de mostrarmos a discussão e aproximação dos quatro conceitos Mal, Bem, apocalípticos e integrados, estabelecermos uma reflexão teórica que nos coloca numa posição interessante, justamente, por termos que colocar convicções existenciais em suspensão. De quebra, buscamos fazer o leitor pensar sobre o aspecto do tempo, sobretudo no que diz respeito ao modo como administra esse fator tão decisivo em nossas ações.

Observamos que, na maioria das vezes, devemos (por imposições) planejar o tempo por conta da vivência e convivência em sociedade; mesmo porque, caso contrário, viveríamos de forma demasiadamente incerta. Porém, podemos pensar mais sobre o tempo e de como podemos encará-lo, experimentá-lo.

Devemos perceber o paralelo existente (e necessário) entre os quatro conceitos trabalhados. Mal/apocalípticos e Bem/integrados (acrescentando Kultur, nomadismo e tempo Aion à primeira dupla e conceito descritivo de cultura, sedentarismo e tempo Cronos à segunda) coexistem e muitas vezes relacionam-se, pois o Bem necessita do Mal para existir, assim como o Mal necessita do Bem para existir. Fato que se repete com o entendimento de cultura pelos viés apocalíptico que somente existe porque o pensamento de cultura dos integrados existe e vice-versa. Precisamos dos contrastes para que os dois casos expressem-se.

O trabalho que propomos, conforme já vimos, não possui um problema e uma hipótese, pois diz respeito mais a uma discussão de conceitos que, em verdade, é uma discussão infinita, jamais chegando a uma resposta final.

Com a discussão dos conceitos de Bem, Mal, apocalípticos e integrados e suas aproximações, trazemos a este trabalho um modo diferente de enxergar tais conceitos. O Bem é aproximado da concepção de cultura dos integrados e o Mal é aproximado da concepção de cultura dos apocalípticos, ambos por suas relações com a questão do tempo.

Tal proximidade realiza-se, principalmente, a partir das seguintes aproximações: o instante é relacionado ao Mal e ao conceito de cultura estabelecido pelos apocalípticos, o planejamento futuro ao Bem e ao conceito de cultura estabelecido pelo viés dos integrados, a característica do singular é encontrada nas ações do Mal e no entendimento de cultura dos apocalípticos, os aspectos do

ordinário são aproximados aos atos do Bem e à concepção de cultura pelo viés dos integrados, a integração que aproxima os conceitos de Bem com a visão de cultura dos integrados, o acesso ao Bem e ao entendimento de cultura dos integrados, a recompensa às ações do Bem e o conceito de cultura estabelecido dos integrados, o sedentário e o nômade aos conceitos de Bem e Mal e os conceitos de Cronos e Aion são aproximados ao Bem e ao Mal.

Por fim, reiteramos a tese que apresentamos ainda no início deste trabalho: a discussão entre apocalípticos e integrados (discussão provocada espiritualmente por Eco e tão recorrida na Comunicação) é uma discussão que jamais deve buscar consenso; precisamente, porque cada um dos envolvidos está num plano específico, cada um tem um projeto temporal, espacial e conceitual.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

BATAILLE, Georges. **A literatura e o Mal**. Porto Alegre: L&PM, 1989.

BENJAMIN, Walter. **Mágica e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura história da cultura - Obras Escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BONIN, Jiane. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, A. E.; BONIN, J (orgs.). **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2006.

CIRNE, Moacy **Quadrinhos, memória e realidade textual**. Disponível em: <<http://lfc-ead.nutes.ufrj.br/constructore/objetos/obj3469.pdf>> Acesso em: 27 de abril de 2016.

COSTA, Belarmino Cesar Guimarães da. **Barbárie estética e produção jornalística: a atualidade do conceito de indústria cultural**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302001000300007>. Acesso em: 27 de abril de 2016.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997

GOHN, Daniel. **Um breve olhar sobre a música nas comunidades virtuais**. Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/265>>. Acesso em 27 de abril de 2016.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

GREGORI, Maria Filomena. **Relações de violência e erotismo**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n20/n20a03.pdf>>. Acesso em: 27 de abril de 2016.

JORON, Philippe. **A soberania do mal: Georges Bataille e a inocência culpada da literatura**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/interc/v36n1/14.pdf>>. Acesso em: 28 de abril de 2016.

_____. **Heterologia e alteridade social ou a comunicação pela margem**.

Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3484/2541>>. Acesso em: 28 de abril de 2016.

MOGENDORF, Janine Regina. **A Escola de Frankfurt e seu legado**. Disponível em: <<http://portal.sipeb.com.br/santana/files/2011/03/Escola-de-Frankfurt.pdf>>. Acesso em: 27 de abril de 2016.

PIEDRAS, Elisa Reinhardt. **A contribuição dos estudos culturais para a abordagem da publicidade: processos de comunicação persuasiva e as noções “articulação” e “fluxo”**. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/74/74>>. Acesso em: 27 abril de 2016.

POLISTCHUCK, Ilana. TRINTA, Aluizio Ramos. **Teorias da comunicação: o pensamento e a prática do jornalismo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. DUARTE, Jorge, BARROS, Antonio – organizadores – **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo; Atlas, 2010.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis: Vozes, 1995.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA. **Manual para elaboração e normalização de trabalhos acadêmicos**: conforme normas da ABNT. Disponível em: <<http://porteiros.r.unipampa.edu.br/portais/sisbi/files/2013/06/Manual-de-Normaliza%C3%A7%C3%A3o-3.-ed.-20131.pdf>>. Acesso em: 12 de abril de 2016.